

quando quasi todas as obras então publicadas, romances, elegias, odes, poemas, novelas, dramas, comedias, historias, respiraram um odor de sangue, e de crimes; quando os heróes, todos imitados de *Fausto do illustre Goethe*, não passavam de meras existencias inquietas, e moribundas, que rolam na ondas da vida, só desejando naufragios, tempestades; quando os tres chefes d'essa schola, Victor Hugo, Alexandre Dumas, e Soulié, accumulavam em suas composições horriveis acontecimentos, uns sobre os outros, e a esmo, sem se importar com a arte, porém só levados do fato de fazer effeito sobre o spirito publico; quando certos gritos de desesperação, de maldição, os fantasmas, assassinatos, suicidios, constituiam um successo theatrical além de todas as esperanças; n'esse

*Feliz tempo, em que a madre natureza
Não chorava de horror, de haver gerado
Innocencia e virtude... feliz tempo!...*

Appareceu um pequeno livro, composto de historias e novelas de muitos jovens autores, que encetavam a carreira litteraria. Todas essas historias finalisavam, á moda do tempo, por um crime, que causasse pelo menos cinco ou seis mortes; e se intitulavam — *Tablettes romantiques*. —

De uma d'essas historias tirou o Sr. Burgain o fundo de seo drama — *Ultima Assembléa dos Condes-Livres*. — Elle modifícou e amplificou a novella, como era necessário, para converter um romance em peça de theatro; e não sa pense, que não ha n'isto um grande merito, e que se não necessite de talento, para amoldar justamente ás proporções, e meios de theatro, intrigas de romances.

Remontemos á origem da tal historia, e procuremos conhecer os seus ascendentes, porque em sim *Piron* tinha rasão quando dizia: « Nossos avós roubaram a nossos antepassados, nossos pais a nossos avós, nós a nossos pais, e virá tempo em que os nossos filhos nos roubem também. » E é por isso que o talento não consiste em crear, mas sim em saber apresentar debaixo de novo colorido, de diferentes vestes, uma ideia já conhecida. Assim pois a historia foi bebida em uma peça de theatro de *Lamartellièr*, representada em Paris em 1808, intitulada — *Juizes-Livres* — e converteo-se outra vez em peça de theatro. Assim são os homens, andam, revolvem-se, mudam, e por fim voltam a seo primeiro estado; porém com que diferença? Os annos, e os trabalhos, lhes imprimem certas modificações, de que elles depois se não podem mais des-

pir. Este drama tambem, ainda que bastantes parecenças oferece na marcha da intriga com o primeiro, contudo n'elle se reconhece uma estrangeira mão, estranhos e novos sentimentos, e depois um todo em nada identico ao de *Lamartellièr*, por quanto foi concebido segundo o gosto da schola moderna, e em 1808 reinava a schola dramatica e lacrimejante de *Diderot*, ou de *Lachaussée*.

Todas as pessoas, que estudaram a historia da Alemanha, se lebram de ter lido o tenebroso Tribunal dos *Condes-Livres*, ou *Juizes-Livres*, que faziam tremer as famílias, os castellos fortes, e aldéas. Nesse antro de crimes o Sr. Burgain desenvolve os usos secretos do Tribunal, e com bastante finesa conduzio á bom porto o seo drama. Não falaremos no seo enredo, porque é elle já muito conhecido pelo publico, tendo já sido cinco vezes nesta corte representado.

A ultima assembléa dos *Condes-Livres* é um bom drama para o Brasil, tão pobre em bons dramas. Alguns desses n'elle se param, entre os quaes notaremos um colorido frances em costumes Allemães, e algumas exagerações e falsificações nos caracteres. Durante o reinado de Segismundo, os usos eram mais cavalherescos; a espada ainda de tudo decidia, e os arrasoadas nada influiam. A parte, porém, estas inverosímilhanças, ha um talento real no auctor, e bastante conhecimento nos manejos e jogos de scena. Esperamos pelo seo *Camões*, para firmar-mos mais nosso juizo sobre elle.

Exceptuando apenas, Victor, João Cae-tano, e Maria Candida, os outros actores pareciam representar com má vontade, ou negligencia. Sobre tudo, aquelle que incumbio-se da parte de *Carlos de Waldecks*, molestou o publico com a sua pessima mimica. Morosini mostrou-se tambem fraco e insensível amante!

Dias antes, tinha-se representado o drama de *Gomes Freire de Andrade* no mesmo theatro. O auctor de tão absurda composição, devia ter remorsos de haver desfigurado a memoria de um grande homem, do primeiro martir da liberdade Portugueza. É este drama um insulto á historia, e ao bom senso, e o seo auctor fez bem em guardar o incognito. Gomes Freire de Andrade, habil militar, que tão bellos planos deu para a fortificação de Lisboa, quando os Franezees invadiram a Peninsula, é apresentado, como um d'esses ridiculos conspiradores, notaveis unicamente pela sua imprudencia e ignorancia. Não ha enredo dramatico, não existem caracteres, nada em sim ha de bom n'esta colleccão de cousas insignificantes, que

orgulhosamente tomou o titulo de *drama*. Os actores, ou por não se inspirarem com as partes, como era natural, ou por outra qualquer razão, representaram mal.

THEATRO DA PRAIA DE D. MANOEL. — FRENÉMICO II., DRAMA DE ANICET, TRADUZIDO DO FRANCEZ.

É de admirar que se tivesse feito tanto estrondo com este drama, porque em verdade, elle pouco merecimento ou nenhum tem: e isto nos dispensa de ocupar-nos com eliê: só diremos que os actores nada sabiam de suas partes, e que a representação foi monotona, fastidiosa, e longa.

EPISODIO DE UMA VIAGEM AO OUTRO MUNDO.

DIALOGO DE DUAS SOMBRAS SOBRE O BRASIL.

Lá no augusto remanço, onde se abrigam
As almas grandes, que da morte escapam,
Entre nuvens, de spectros povoadas
Vagava Real Sombra, em cuja fronte
Duas aureas cordas rutilavam
Como segundo a sombra, que as fugia:

Quem será? — Magestoso era o seu porte;
Uma mão sobre o peito, outra alisando
Da larga fronte as rugas dolurosas,
Como tristes idéias desfazendo;
Que vinham resumbrar em seu semblante:
E dos olhos, p'ra cima revirados,
Fixos, como quem põe em Deos a mente,
Gotas de rubras lagrimas pendiam.

Quem será? — Mas silêncio... O Brasil todo
Sabe o nome de quem foi seo Monarcha.

De repente parou: — « Meo filho! (exclama)
Oh minha filha! Tít'los vãos vos cercam,
Tít'los vãos, que já foram meos martyrios
Em dias temebrosos e agitados.
Quão jovens sois! Sou pai, ei vos lastimo.
Viveis, e não p'ra vós. Vossa grandeza
Tem por apoio o interesse de outros:

Co'os homens me enganei; vivi no engano,
E no engano deixei-vos. Si eu podesse
Livrar-vos de igual sorte, e aconselhar-vos
Por vós descêrre ao mundo, não por elle.
Que assás conheço o mundo, hoje o detesto.

Oh corrupção mundana! Oh ironia,
Honra de uma hora! Sordido interesse,
Templo imundo, onde só se adora o ouro...
Oh filho meo, Oh miúha cara filha!
Que tempestade em torno de vós reina. »

Calou-se, e suspirou, e seo suspiro
Enterneceu as sombras, que o escutavam.
Longiqua luz de moribunda strela
Entre nuvens desponta, ven chegado,
E a luz crescendo, como o alor da aurora.
Outra sombra se eleva, com ar grave,
E co' os braços cruzados sobre o peito,
Para a Sombra Real caminha, e pára;
Ambas se reconhecem, recuando
Como espantadas de se verem juntas,
Voltam de novo, e em extases se abraçam.

JORNAL DOS DEBATES.

A SOMBRA REAL.

Oh! és tu, Evaristo! Eu te esperava
Aqui n'esta mançao, onde não cabem
Paixões humanas. Tudo aqui se nôtre
De um igual pensamento, justo e santo;
Somos todos amigos... Mas não fallas?
Separou-nos o mundo, a morte uni-nos,
E podemos julgar a quem nos jnlgia.
Falla; dize, porque deixaste o mundo?

EVARISTO.

Senhor, deixei-o por cruéis pesares,
Que o coração n'um dia me assaltaram.
E eis-me aqui pela dôr fôra da Patria,
Qu'en tanto amei, té que morri por ella.

A SOMBRA.

Como o Brasil deixaste?

EVARISTO.

Na miseria!...
Qual enfermo sem tino, pobre enfermo,
Que sem cessar no leito se revole
Sem poder repousar de nenhum lado.
Que quer gritar, e as dores se exasperam,
E a voz nos labios convulsiva expira;
Que quer chorar, e as lagrimas recuam,
E geladas lhe cahem nos seios d'alma...
Quer erguer-se, e impia mão lhe fere o peito...
Agua pede, e lh'a negam: sem alento
Pejado o peito de cruel angustia
Co'a morte se resigna; e uma algasara
Ironica e satanica o desperta.
Quer respirar, quer ar, tudo lhe falta!
E da gangrena, que o ameaça inteiro,
O corrosivo fetido o suffoca...
Eis aqui o Brasil! Assim deixei-o.

A SOMBRA.

Oh meu filho! Oh Brasil! Como é possivel.
E tu me não quizeste.— Repeliste
Aquelle, que já Nume tu chamaste,
Teo Pai, teo Defensor, e que mais tarde
Chamaste teo Tyranno, e a quem um dia
Justiça será feita, quando os homens
Compacarem com elle esses que agora
Talvez façam chorar a perda sua.
Oh si minha alma, no descanço eterno
De vingança je despeito se aprazesse,
Como vingada e alegre n'este instante,
Te sandara com um riso de blasphemia!!!
Mas eu do mundo um só amor conservo,
O amor paterno!— Oh filho meu tão caro!

EVARISTO.

Senhor, sobre elle vela a Providencia.
Deixa que o enfermo se debata inutil,
Té que de raiva o animo se accenda,
E em transportes de colera se eleve,
Decedido a vencer, e em pé ser livre.

A SOMBRA.

Mas que cadeias o embaracam hoje?
Que tyrannia o opprime?

EVARISTO.

A indifferença,
Nascida de esperanças malogradas,
Sustida pelo sordido interesse,
E pela contumacia.

A SOMBRA.

Em que se cuida?

Que politica oppõe-se a tal flagello?

EVARISTO.

Politica infantil de vis caprichos,
Systema de rancor.

A SOMBRA.

E o que fizeste
De tua stoica insolita firmeza,
Que os não desmascaraste?

EVARISTO.

Esse firmeza
Exgotou-se no meio da ironia.
Fui vencido, calei-me.

A SOMBRA.

O mal é grande?

EVARISTO.

Grande como o Brasil.

A SOMBRA.

Não ha remedio?

EVARISTO.

Só Deus o sabe, que não podem homens
Mandar que a luz das trevas arrebente.
Quem pôde assoberbar as catadupas
Do rio, que das rochas se desaba?

A SOMBRA.

És tu culpado d'esse mal ingente?

EVARISTO.

E tu, Senhor?

A SOMBRA.

Os homens me enganaram.
Nasci no throno, o throno só perdeu-me.
Eu nasci p'ra sobir. Desci, fui grande.
Não sei se fui culpado. Outros que o digam.

EVARISTO.

Senhor, tambem co'homens enganei-me.
Entre o povo nasci, vivi com elle,
E nunca quis sobir.

A SOMBRA.

Erraste, erraste.

EVARISTO.

Quiz sempre ser pequeno.

A SOMBRA.

E foste grande;

E o teo genio entre todos se elevava.
Não devias deixar o pô erguer-se:
O pô suffoca o proprio, que o eleva.

EVARISTO.

Si genio eu tive, oh qu'esse foi meu crime!
Não somos nos os netos de Albuquerque,
Raça de Luzos?

A SOMBRA.

Sim; eu os conheço!

Tudo disseste; basta; — Deos os guie.

N'isto milhões de raios lampejaram,
E essas nuvens azuis, thronos de sombras
Se alargaram, de fogo ensanefadas.
Um Anjo apareceu agigantado,
Alvas vestes trajando, mais luzentas,
Que o puro diamante lapidado.
E sobre as longas pontagudas azas

Suspenso, assim fallou: « Almas felizes,
Enviado de Deus venho trazer-vos
Vosso ultimo suplício, à cujo aspecto
Será vossa paixão tão vehemente,
Que p'los ficareis de nossas culpas. »

Disse; e virando o rosto, o braço estende,
E o Brasil vio-se ao longe, circulado
De espesso nevoeiro. Mal que o viram,
Co'as mãos cobrindo os olhos, recuando,
As duas sombras cabem de horror geladas.

M

RIO GRANDE DO SUL.

Piratirim, 29 de Maio de 1837, da Independencia e da Republica.

Convindo promover-se de prompto dentro e fôra do Estado, a um empréstimo de 300 contos de rs. em moeda forte, para occorrer ás despesas da guerra defensiva, que dignamente sustentão os briosos habitantes da Republica Rio-Grandense, contra o oppressivo e injusto Governo do Rio de Janeiro, o Presidente da mesma decreta:

Art. 1. Fica autorizado o Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda a contrahir, dentro e fôra do Estado, um empréstimo de 300 contos de rs. em moeda forte.

Art. 2. O capital emprestado vencerá o juro de um e meio por cento ao mez, ouinda menos se fôr possivel.

Art. 3. O juro de que se faz menção no artigo precedente, como dez por cento mais para a amortização gradual do capital, será impreterivelmente pago no fim de cada anno, até o completo embolço do empréstimo de que trata o artigo 1º, que não excederá do prazo de dez annos contados do dia em que entrarem para o Thesouro as quantias emprestadas.

Art. 4. Sendo de esperar que o Estado do Thesouro se torne em breve na attitûde de fazer face a todas as despesas do Estado, não só pelo austero methodo que se ha de establecer nas repartições da Fazenda, como na justa economia dellas: a dar-se caso tal, a somma total de empréstimo, e premios vencidos, será paga no prazo de seis annos, contados da data do presente decreto.

Art. 5. Além dos rendimentos do Estado, ficão hypothecados ao embolço do presente empréstimo os proprios nacionaes seguintes: Rincão de Saican, o da Condega do Real Agrado, o d'El-Rei, em Rio Pardo; o Campo do Bujuru, as fazendas dos extintos Jesuítas, em Missões; e todos os terrenos devolutos que ainda existão no Estado.

Domingos José de Almeida, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda o tenha assim entendido, e faça executar com os despachos necessários. — José Gomes de Vasconcellos Jardim. — Domingos José de Almeida. — Publique-se, e registe-se. Piratirim, 29 de Maio de 1837. — Almeida. — Está conforme. — Antonio Belarmino Ribeiro.

ANNUNCIO.

AOS SRS. SUBSCRIBTORES.

Com este n° ultima-se o 1º trimestre do Jornal do Debates. A sua publicação fica interrompida por um mez. Nós faremos anunciar pelas Folhas quotidianas a epocha da renovação das subscrisções.